ANO 1.º LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 10 DE OUTUBRO DE 1921 N.º 159

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

DE quando em quando flutuam na maré revolta das gazetas amargas queixas dos habitantes de Cintra contra a inconstancia da iluminação electrica e dos serviços de viação. Ignora muita gente que essas faltas se devem á costela de vandalo que o portuguez, por muito que o deseje, não consegue eliminar do seu tronco.

Do Estoril até Cintra foi estabelecida uma corrente de alta tensão, a fim de conduzir a energia electrica indispensavel para o funcionamento dos carros da companhia Cintra-Atlantico e para iluminar convenientemente a pitoresça vila.

O que sucede? Que meia duzia de selvagens se dedicam ao divertimento de fazer á pedrada, pontaria aos isoladores, partindo-os e inutilizando, portanto, a corrente. Resultam dessa desengraçada graça os prejuizos que vão afectar o bem-estar da população de Cintra.

Neste momento, em que, segundo cremos, ha policias de segurança na disponibilidade, seria de bom aviso encarrega-los de assegurar os interesses de alguns milhares de pessoas, que não devem continuar á mercê das condenaveis proezas de meia duzia de larvados.

* * *

REUNE hoje o directorio do Partido Liberal para apreciar varios assuntos de interêsse partidario.

* * *

HA' oito dias que se espera a nomeação duma comissão administrativa para os Transportes Maritimos do Estado, a qual seria tambem encarregada de sindicar os actos da actual gerencia, que tanto tem dado que falar de si. Segundo se diz, o sr. dr. Fernandes Costa não conseguiu ainda descobrir homens de feição para a circunstancia. E é possivel que não chegue a fazer a nomeação, visto que poucos dias mais sobraçará a pasta do Comercio.

* * *

O SR. ministro da Guerra fará, na presente semana, a revisão dos processos instaurados pelo general sr. Alberto da Silveira contra os oficiais milicianos que não compareceram nos exames.

* * *

AFIRMAVA-SE hoje que os liberais partidarios e não partidarios do governo não levaram á paciencia que o sr. presidente do Ministerio convidasse o capitão sr. Cunha Leal para representar o pais na Exposição do Rio de Janeiro.

A ser verdadeira esta afirmação, podem sossegar todos aqueles que com o convite se sentiram irritados: o sr. Cunha Leal escreveu esta tarde uma carta ao sr. Antonio Granjo recusando a honra que êste pretendia conferir-lhe.

* * *

UM cavalheiro escreve-nos, queixando-se de que, na sua rua, não há luz. Que novidade!

Uma das razões por que Lisboa foi conquistada aos mouros deve-se á falta da iluminação, no seu castelo moirisco.

A falta de luz, na capital do paiz, atinge os miolos de muitos varões ilustres, nascidos depois dos «Lusiadas».

Já algum dêstes se queixou?

VIDA CARA

Continuam a chegar ao «Diario de Lisboa» cartas de pessoas que nos pedem que não larguemos de mão o interessante e inquietante assunto da «vida cara», porque a miseria, mesmo a miseria dourada, dia a dia lança no desespêro ou no desanimo total centenas de criaturas que mereciam viver dias de relativo bem estar.

—«Não pode V. supôr o que vai por essa ignorada Lisboa dos bairros pobres, onde há muitos lares em que a cada hora agonisam sem pão, sem ar, sem saude e sem esperanças tantos desgraçados, que nem ousam queixar-se e muito menos revoltar-se».

Estes duros tempos em que se vai consumindo a nossa paciencia e a nossa energia hão de ficar memorados na história como uma era maldita em que o homem se tornou verdadeiramente o lobo do homem.

Nunca a furia de ganhar atingiu tão descaradas e monstruosas formas de banditismo.

Criaturas que clamam diariamente contra o desencadear dos apetites do plebe empregam no manejo dos seus negocios gananciosos todos os esforços e todos os criminosos ardis que transformam êsses pobres apetites num implacavel grito de justiça. E' de mais! A cegueira é tamanha, que ninguem entende sequer que, no momento em que vamos, todos os abusos que se cometam, no sentido de enriquecer uma classe, á custa da colectividade, não podem deixar de provocar reacções violentas, que só Deus sabe até onde chegarão.

Mas, se só merece severissimo castigo a ambição insaciavel dos que, com a desgraça dos outros, fazem do mercado dos viveres um novo pinhal da Azambuja, tambem é digna de censura a vaidade, a resignação e a estupidês dos que colaboram, da parte do publico comprador e sofredor, em tão monumental exploração. O consumidor geralmente protesta, ameaça, lamenta-se, geme e soluça, mas a dentro dum platonismo em que são armas principais e unicas a palavra e o gesto.

Porque não organiza êle a resistencia, a guerra, contra os seus carrascos? Porque não se abstem nos seus gastos, comprando só o estritamente necessario e nos estabelecimentos em que a moral ainda não esteja convertida em banha de cheiro?

E' precisamente porque conhecem a passividade infinita das suas vitimas que se tornou possivel ao açambarcador e aos outros vampiros menores a audacia crescente das suas rapinas. Se, em vez duma massa desorganizada, embora rumorosa, êles tivessem a certeza que encontrariam uma organização de vontades dispostas a metê-los na ordem e na cadeia, êles seriam mais comedidos, encolhendo as garras com desgôsto humilde.

EXIGENTE

(De «Jack»)

— Foi você quem salvou o meu filho?
— Sim, senhor...
— Então porque não trouxe tambem o cha peu?

NUM jornal de provincia, um magistrado inquieta-se com a formação do governo que o gremio *Madrugada* traz no ventre e inquire não sabemos de quem:

—«Será desta vez que se extinguirá o *deficit?*»

Embora não nos caiba responder a uma pregunta de tal magnitude, ainda assim diremos, com o vago proposito de descarregar a inquietação do curioso magistrado:

—«O *deficit* não morre ás mãos de um governo nacional, pela simples razão que, se isso se dêsse, cairia o maior monumento da nossa incuria.

Orçamento sem *deficit* seria o mesmo que mar sem ondas ou sertão sem feras. E' possivel semelhante enormidade?»

* * *

O SR. DR. Magalhães Lima partirá dentro de poucos dias para Paris, onde vai assistir ao Congresso da União Internacional das Associações de Imprensa, que se realiza em 25 do corrente.

* * *

CONSTA no Rio de Janeiro que o sr. dr. Antonio José de Almeida na sua futura viagem áquela capital sairá um pouco das normas protocolares, fazendo algumas conferencias publicas que dedicará á colonia portuguesa e á mocidade brasileira.

* * *

INDIVIDUOS que noutros tempos eram contra as ditaduras mostram-se-lhe agora favoraveis.

Por este andar, dentro de pouco, a monarquia vai ser restaurada com o simples concurso das contradições dos republicanos.

* * *

A TODO e qualquer cavalheiro é permitido disfarçar-se, sobretudo se a natureza lhe concedeu alguns dotes pouco de mostrar-se. Reputamos, porém, condenavel o sistema de se esconder por detrás das reais qualidades de outrem, a fim de as apresentar como proprias.

* * *

EMQUANTO o ministerio nacional do sr. dr. Magalhães Lima se vai organizando para não passar dum generoso capricho de imaginação, o governo do sr. dr. Antonio Granjo dispõe-se a viver até á abertura do Parlamento—o que representa um pequeno triunfo sobre as discordias que o cercam. A democracia, em Portugal, tem-se reduzido a isto—viver sem ideias, sem homens e sem grandeza. Em compensação não lhe faltam serpentes, como na cabeça das Furias.

* * *

MARINHEIROS, policias e guarda republicana, de tempos a tempos brigam uns com os outros, aí por essas ruas, como se a eles coubesse o papel de amotinadores da ordem publica. Talvez não fôsse mau recrutar um corpo de civis, conhecidos como desordeiros de profissão, a fim de velarem pelo socego de gente tão turbulenta.

* * *

CONSTA que o cruzador *Vasco da Gama* partirá para o Oriente, numa importante comissão de serviço. A confirmar-se a noticia, assumirá o comando daquele navio, o capitão de mar e guerra sr. Sarmento Saavedra.

CRONICA FINANCEIRA

As declarações do presidente da Republica e do ministro das finanças

A indolencia oficial portuguesa

Honradas e louvaveis as declarações publicas sobre a situação nacional, feitas nas colunas da imprensa periodica, tanto pelo primeiro magistrado da nação como pelo sr. ministro das finanças.

As afirmações do sr. dr. Antonio José de Almeida devem ter saido da pena do velho jornalista com a amargura mais cruciante a pungi-lo, mas cumpriu honradamente um dever, o seu dever. Nós, que aqui andamos por estas colunas a tratar de materia economica e financeira, e que no dever do cargo vamos repetindo ao país, com a serenidade de quem não quere assustar nem amargurar, compreendemos não só a magua como o presidente apontou ao país os males que corre—ele que é reconhecidamente um patriota—e a alta compreensão do dever que o decidiu a assim falar, relegando para o monte das condenadas mentiras convencionais o discurso hossana, de que todos os chefes de Estado aristocraticos e democraticos têm a chapa e o disco no seu gramofone oficial.

Fez s. ex.ª muito bem em seguir esse rumo. A verdade ainda é o trajo e a colgadura mais suntuosa para dias de grande gala.

Num país que não estivesse atacado de uma inconsciencia colectiva, aquele aviso, proferido pelo chefe do Estado, com o peso, a autoridade especial que lhe dá o seu alto cargo, teria o efeito salvador de uma buzina proclamando um grave perigo e clamando socorro. Aqui talvez haja servido apenas para proporcionar glosas politicas ao partidarismo.

Esse artigo de jornal, assinado por um chefe de Estado, ha de todavia, infelizmente, ser arrolado e catalogado no documental de sintomatologia desta crise da nacionalidade portuguesa.

Mas ás declarações do ministro das finanças, porque são mais concretas, vimos sobretudo referir-nos, que aquelas conglobam tudo, evocam o perigo e selam a afirmação com a autoridade oficial de quem a escreve. Estas, de s. ex.ª o sr. Vicente Ferreira, entram em materia, e são bastante documento para não ficarem registadas nesta cronica, pelo que vamos transcrever o essencial:

> Gosam os numeros de um grande prestigio, que quase sempre se descobre ser injustificado, quando se aprofunda a analise dos factos que com eles se pretendem justificar.
>
> Mas os numeros são indicadores comodos de certos fenomenos sociais e facilitam a sua exposição, comtanto que não se lhes atribua o valor de expressão de uma lei. Com numeros apoiaremos, portanto, algumas considerações sobre o tema deste artigo.
>
> Examinando o orçamento do Estado para este ano de 1920-1921, que está correndo, constata-se que as despesas excedem as receitas de, aproximadamente, tresentos mil contos, por esta forma:
>
> | | |
> |---|---|
> | Despesas. . . . . | 520:000 contos |
> | Receitas. . . . . | 220:000 » |
> | Diferença *(deficit)*. . . . | 300:000 » |
>
> Como o *deficit* representa 1,36 das receitas totais e 0,58 das despesas, parece justificado o alarme daqueles a quem a grandeza deste numero assombra. E em condições normais, um *deficit* destas proporções, em verdade seria seguro indicio de uma proxima bancarrota; mais ainda, nunca ele atingiria tão alto valor, porque antes interviria a catastrofe financeira e economica. Ora não só a catastrofe se não produziu, como a situação geral do nosso paiz não é muito peor que a de muitas nações que na guerra intervieram ou dela sofreram as desastrosas repercussões.
>
> E aqui se verifica a impotencia dos numeros para representarem a complexidade de certos fenomenos. E' que um elemento anormal, não explicito nas verbas de receita e despesa, vem alterar a significação do resultado.
>
> Este elemento anormal é o cambio.

Não ha duvida que é assim: em horas normais, esse *deficit* seria dez vezes menor, e nós cortamos por largo, porque a diferença cambial é a que vai de 5 ou 6 escudos por libra—numeros empregados pelo ilustre titular das finanças— 1914, para 35 a 40 escudos que hoje nos custa a libra.

Isso para ser encarado e debatido nas esferas da analise tranquila e reconforta. Salvo o devido respeito, ha pelo menos um lojista desta cidade que tem a mesma interpretação do fenomeno, e pratica-a.

Quando se entra no estabelecimento, e se lhe pregunta o preço de um objecto, ele pede três escudos por um objecto que o freguez vê que costumava custar trinta escudos. Fecha o negocio e o lojista acrescenta:

—Três escudos de hoje: trinta.

Outras vezes pede os trinta, e para o freguez que acha caro tem a explicação:

—«São três de antigamente».

Essa diferença todos nós reconhecemos, e com esse reconhecimento nos teriamos governado se tudo estivesse aferido aos preços actuais do custo da vida.

Essencialmente e praticamente, o *deficit* é o *deficit*, nós contribuintes temos de o cobrir, e a situação não vai de molde a que se receba com foguetes o acrescimo de contribuições e o agravo da vida, dupla consequencia logica do fenomeno que s. ex.ª, com excelentes intuitos tranquilizadores, nos aponta.

Transcrevemos outros periodos em que s. ex.ª assenta a doutrina, o que para o país é de grande utilidade conhecer, para saber quem é o ministro com quem lida:

> Diremos portanto que não é a grandeza do «deficit», só por si, razão suficiente para causar receios, muito embora ela traduza uma situação delicada, que convem encarar com serenidade para remediar com firmeza.
>
> E pois que o «morbus» de que o organismo social enferma é o baixo cambio ou pouco valor da nossa moeda, contra ele teremos de aplicar aquelas mézinhas e cauterios que a sciencia financeira aconselha.
>
> Indica o senso comum que de dois meios dispõe o ministro que, com mão prudente, pretenda reduzir o «deficit», os quais são aumentar as receitas e reduzir as despesas.
>
> Não é o aumento de receitas processo que se aplique sem abalos e sem repercussões dolorosas. A ele se tem recorrido e terá de recorrer, mas só almas ingenuas, ignorantes das dificuldades tecnicas podem, na simpleza das suas idealizações, descontar os estorvos do tempo ou imaginar que o imposto é indefinidamente extensivel.
>
> Rendem os diversos impostos actualmente cerca de 130.000 contos e como teriamos de os fazer render 430.000 contos, para cobrir a falta que é de 300.000, seria necessario triplicar ou quadriplicar todos os impostos directos, com a qual medida, se se pudesse executá-la, se provocaria a ruina dos particulares e a morte do Estado.
>
> Somam as despezas descritas no orçamento (e muitas haverá que nele não figuram, por imprevistas) cerca de 520:000 contos, e como nestas despezas figuram 43:000 contos de encargos efectivos da divida publica, 63:000 contos de diferença de cambios e 110:000 contos de subvenções e ajudas de custo de vida, conclue-se que para os diversos serviços do Estado, em condições normais, se atribuem apenas 304:000 contos.
>
> Dois terços, ou pouco menos desta quantia, digamos 200:000 contos, são gastos com o pessoal, (vencimentos diversos, excepto subvenções) e como, por maior que seja a compressão das despezas, se não podem tirar 300:000 contos de 200:000 ou de 310:000, se juntarmos aos vencimentos as subvenções, sem destruir ou desorganizar os serviços, não ha redução de quadros que possa extinguir o «deficit».

Em primeiro logar ninguem, que nós saibamos, e que tenha categoria mental ou oficial para se fazer ouvir, afirmou que a compressão das despezas só por si resolvesse a situação, reconduzindo a administração do Estado a um regime de sanidade financeira.

Quantos têm versado a materia e que, embora com menos erudição do que s. ex.ª o sr. Vicente Ferreira, têm da complexidade da fenomeno cambial e das suas repercurssões a ideia exacta que o ilustre governante deve ter, embora no seu artigo modestamente a não ostente, todos que á compressão de despezas se hão referido, teem enquadrado esse recurso como um dos varios fautores a lançar mão para o restabelecimento do nosso equilibrio orçamental.

Evidentemente que não se propõe a abolição do funcionalismo e de toda a despeza publica. Se isso fosse possivel, em casa dos portugueses tudo se remediaria suprimindo a despeza da alimentação, do vestuario, do medico, da farmacia.

A compressão da despeza *não basta*, mas vem sendo reconhecida como necessaria por todos os países onde a administração tem espirito de *suite*, e não anda aos baldões duma verdadeira aventura financeira como aquela em que nós vivemos de 1914 para cá.

Recomenda-a solenemente a Assembleia da Liga das Nações, e não consta que os delegados portugueses impugnassem a doutrina; pratica-a a Inglaterra, a França, dirigindo-se firmemente ao Exercito da Vitoria e declarando-lhe que precisava de acabar com o orçamento extraordinario, e praticam-a até os países sul-americanos, como o Brasil, que ainda na lei de 28 de Agosto findo, lei protectora do comercio e industria, dispensando-a até 30 de Outubro de pagar a armazenagem nos interpostos aduaneiros, reduzindo-lhes a parte dos direitos em ouro, e fixando a taxa desses direitos, reduzindo-lhes os fretes nas linhas ferreas particulares—nessa mesma lei resolve interromper por agora quaisquer obras publicas que não sejam de indespensavel continuação.

Nesse mesmo diploma a que nos estamos referindo, lá está a compressão da despesa conjugada com outras medidas.

O que sempre se disse e se está praticando na Europa e na America é: a compressão das despesas publicas, o aumento das receitas sem atingir, é claro, o maximo da elasticidade economica, a supressão de toda a despesa extraordinaria que a guerra creou, e para cuja recordação nos basta as subvenções, e ao passo que por esse lado se vai caminhando para o equilibrio orçamental por outro lado se vai ao encontro do mesmo *desideratum*, num envolvimento do *deficit*, promovendo operações internas e externas, que tratam aquelas a inflação fiduciaria, estas a drenagem de ouro.

Substituir uma tal complexidade pela simples aspiração de revalorisar a moeda e de extinguir o baixo cambio, afigura-se-nos um criterio tão simplista como aqueles em que s. ex.ª filia o criterio da compressão.

Concordamos, e não é favor nenhum feito á aritmetica, que dos 200.000 contos gastos com o pessoal não pode a compressão da despesa tirar os 300.000 contos ao *deficit*. Falta-nos saber como é que s. ex.ª se arranjará para nos reconduzir ao fio de prumo de uma administração publica sem *deficit*, indo buscar á alta de cambio todo o remedio.

De 200.000 contos gastos com o pessoal não podem ir buscar-se os 300.000 contos deficitarios.

E somando aos 43 mil contos de encargos efectivos da divida publica os 63.000 contos de diferença de cambios, poderemos ir buscar a esses 106.000 contos os 300.000 contos do *deficit?*

Não afirmamos, porque temos por norma ser muito cautelosos em afirmações. Por isso preguntamos a s. ex.ª o sr. Vicente Ferreira com aquela ansia que os compendios de filosofia dizem que levou o homem a saber: de 106.000 contos podem tirar-se 300.000 contos?

Alguem que conhece s. ex.ª assegura-nos que o ilustre governante declara que não se podem tirar 300.000 contos de 106.000 contos.

Então, nesse caso, parece-nos que não está lá muito firme a teorisação salvadora de s. ex.ª.

Isto dando de barato que com o desaparecimento do baixo cambio desaparecesse toda aquela verba: 106:000 contos. E' claro que teriamos apenas um diferencial, que não seria o bastante para o *resto* ser zero.

Feitos estes reparos, resta-nos concordar com s. ex.ª nas suas conclusões:

> E por que uma politica financeira que tenha por base a revalorização da moeda, depende necessariamente do credito externo e da confiança interna e estas não são compativeis com agitações, tumultos, revoluções e desvarios politicos eu creio e afirmo—e nesta afirmação empenho a minha palavra—que muito mau serviço prestam ao seu país os que julgam servi-lo por aqueles violentos processos.

Sendo assim, como quere s. ex.ª começar por combater o baixo cambio e acumular sobre os ombros desse desgraçado todas as responsabilidades da nossa desgraçada situação financeira?

Torna a politica de revalorização da moeda dependente da confiança externa e interna.

Como quere s. ex.ª que o Estado reconquiste essa confiança sem ter acertado as contas publicas, sem dar mostras de que adopta rigidos principios de economia, de que acabou o desbarato dos dinheiros publicos no aumento incessante do funcionalismo?

Como quere s. ex.ª conquistar a confiança interna sem indicar ao país, pela adopção da compressão, que se enveredou pelo caminho das economias, primeiro capitulo de toda a administração que se propõe salvar uma casa da ruina?

Como quere s. ex.ª conquistar a confiança externa sem adoptar a compressão, quando a *Sociedade das Nações* tem declarado ser esse o ponto de partida para *considerar* a situação financeira de qualquer país?

Vamos.

S. ex.ª não ignora que pôz, porque quiz, o problema de pernas para o ar. Por falta de competencia da materia, não, que temos ouvido elogiar-lhe a erudição.

A'parte os nosso comentarios e pontos discordantes, não regateamos o nosso louvor á decisão de s. ex.ª trazer a terreiro publico esta materia, sobre a qual o país deve ir tendo algumas luzes, para ao menos se alumiar na escuridade dos dias tôrvos.

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses.............. 9$00
6 » .... 18$00
12 » .... 36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

HOJE—HOJE—HOJE
NO AVENIDA
A OPERETA
FLORES DA NOITE
A MELHOR
A MAIS BONITA
A MAIS GRACIOSA DAS PEÇAS
pela Companhia
SATANELA-AMARANTE
HOJE—HOJE—HOJE

HOJE ás 21,15 Lindo scenario
GATO
HOJE ás 21,15 Linda musica
APOLO • POR • APOLO
LEBRE
Linda marcação Graça Movimento
Lindo guarda-roupa Luz e entusiasmo

CARTA DE PARIS

O CONGRESSO DA HISTORIA DE ARTE

As impressões que o sr. Almeida Moreira, um dos delegados portugueses, traçou para o "Diario de Lisboa"

Meu presado amigo. — Só hoje lhe posso dar, a correr, as minhas noticias desta linda cidade, que é, segundo uns, a capital do mundo, e, segundo outros, — que não vão tanto além — a capital da Europa, como na sessão inaugural do Congresso lhe chamou *sir* Charles Read, delegado da Inglaterra. Essa sessão revestiu uma certa imponencia, realizando se no anfiteatro Richelieu, da Sorbonne.

Preside o director das Belas Artes, Paul Léon, na ausencia do ministro da Instrução, ladeado pelo grande mestre André Michel e Henry Lemounier, membro do Instituto de França e que é o presidente de honra do Congresso. Paul Léon abre a sessão, lendo um bem elaborado discurso de saudação ao congressistas. Entre outras frases, fixei: «A arte é o espelho da civilização». «Leem se as formas e as linhas arquitectonicas dum monumento, como... se lêem cartas». Depois dá a palavra aos diferentes delegados das nações representadas no Congresso, por ordem alfabetica, começando pela Republica Argentina, que, por sinal, não está.

Segue-se a Belgica. Sobe ao estrado um latagão, forte e robusto como uma tôrre. E' o sr. Geraert, conservador dos museus de Belas Artes da Belgica e professor da Universidade de Liege.

Diz «que é tempo que a História da Arte seja escrita pelos artistas para os artistas» — nas suas saudações á França, diz «que a Belgica é um pequeno país, mas grande pela amizade da França». E' aplaudidissimo.

Segue se a Bulgaria — uma duzia de palavras; a China, ausente; a Dinamarca, que afirma a admiração dos dinamarqueses pela Arte e pelo espirito francês. O representante (?) da Espanha, que se segue, nem sobe ao estrado. Fala do proprio logar onde está, dizendo meia duzia de palavras num pessimo francês. Há um certo espanto na assembleia. Houve, ao que me informaram, qualquer trapalhada com os delegados de Espanha. O certo, é que, tendo enviado comunicações individualidades artisticas espanholas, como Bernete, D. Elias Tarmo, Gomez Moreno e Sanchez Canton, nenhum dêstes conhecidos criticos da arte está em Paris. A Espanha está representada por um antigo negociante de «bric-à-brac» e que, oficialmente, não é ninguem. *Voilá!* Segue-se a Finlandia, depois do que sobe ao estrado uma magra e esgrouviada senhora que fala em inglês. E' a representante dos Estados Unidos.

O delegado da Inglaterra, *sir* Charles Read, a quem já me referi, fala em francês e, em verdade, sem demasiado *accent* estrangeiro. Diz que «os congressistas da História de Arte estão reunidos na capital da Europa» e, entre outras coisas, que, «se as exposições de arte mostram as tendencias de cada artista, os congressos identificam a unidade dos espiritos». O professor Ventervé, membro do Instituto de França, fala como delegado da Italia. E' muito aplaudido. Japão, ausente, (apesar de haver muitos japoneses no congresso, é curioso que nenhum se apresentou como delegado do seu país). Grão Ducado do Luxemburgo, Noruega, o representante do país escandinavo diz que «Paris é a capital da Arte» e que «é a Mãe das Artes dos tempos modernos». Paises Baixos, ausente.

E' dada a palavra ao delegado de Portugal. Sobe ao estrado o dr. José de Figueiredo, que lê uma breve e bem elaborada alocução. Fala da arte primitiva portuguesa e termina por saudar a gloriosa terra de França. Depois de Portugal, são os representantes da Romania, da Servia, Croacia e Slovaquia, que dirigem as suas saudações ao congresso. O da Servia é recebido com provas de muito carinho e é muito aplaudido. Por fim, os representantes da Republica Tcheco-Slovaquia, da Suecia e da Suiça encerram os discursos dos representantes estrangeiros, por sinal, que o da Suiça, mr. Bovy, conservador do Museu de Belas Artes de Genebra, fala com extraordinaria elegancia. E' muito aplaudido. O sr. Kœchlin, do «Comité» francês, lê a constituição das mesas e André Michel, presidente do congresso, encerra a sessão, lendo um admiravel discurso, em que a graça e o espirito francês brilham a cada momento.

Entre outras frases, diz: A Arte, com a Bondade e a Beleza, é que faz o valor da vida». «A linguagem da Arte é a unica linguagem universal» e, dirigindo-se aos congressistas, chama-os «les gardiens du patrimoine artistique du monde». Aplaudidissimo. André Michel, além do alto valor que representa na Arte Francesa, é um *charmeur*.

Em tudo isto, meu caro amigo, que tão rapidamente lhe acabo de narrar, se gastou pouco mais de uma hora: uma hora e dez minutos! Se fosse em Portugal, êsse tempo não chegava... para um só orador!

Não está de acôrdo?

Os trabalhos têm decorrido bem e alguns dos assuntos — como o da restauração de quadros primitivos — foram vivamente discutidos. O peor é que as comunicações são tantas, que uma das quatro secções do congresso (a 2.ª, que trata de arte ocidental) teve de ser dividida em 4 (nada menos de quatro) sub-secções!

Mas nós é que não podemos dividir-nos... E daí o perderem-se discussões que seriam do maior interêsse. Das comunicações dos nossos compatriotas já foram lidas e apresentadas pelos proprios as seguintes: mestres portugueses do seculo XV, por Luís Freitas Branco. Foi, sem duvida alguma, interessantissima. E tanto, que mr. Henry Prunières, director da «Gazeta Musical», ao falar em seguida, em termos da maior simpatia para Portugal, país que conhecia por ter ainda há pouco tempo visitado, manifestou o desejo de que aquele trabalho do nosso compatriota fosse publicado na «Gazeta Musical».

José de Figueiredo — «a técnica da pintura primitiva portuguesa». — Esta comunicação deu logar a que fosse projectada no *écran* do anfiteatro Descartes, onde reune a 2.ª secção, uma grande parte dos principais quadros primitivos portugueses, desde Nuno Gonçalves até Jorge Afonso e Vasco Fernandes, ao mesmo tempo que José de Figueiredo explicava a origem e assunto de cada quadro. Foi apreciadissimo, tanto mais que as reproduções dos quadros foram as melhores que até agora se têm projectado.

No mesmo dia fiz eu tambem a minha comunicação: «um pintor regionalista português do seculo XVI — (Vasco Fernandes)» — tendo projectado os dois mais importantes quadros de Grão Vasco—«São Pedro» e «Calvario» e distribuido pelos congressistas reproduções dos 5 quadros do mesmo autor.

Ainda nesse dia voltou José de Figueiredo a falar sobre «Mariette», sendo escutado com todo o interêsse pela assistencia, que era numerosa e de valor. Presidia o sr. Marquet de Vasulot, conservador do Museu do Louvre. Para terminar esta já longa carta, quero dizer-lhe que uma das maiores satisfações que eu tive até agora no congresso foi tornar-se mais conhecido, e pela bôca de dois compatriotas-congressistas, o nome e os trabalhos de Luciano Freire, esse grande artista português, que tão modestamente tem passado êstes ultimos anos na ardua tarefa de restaurar e identificar tanto quadro primitivo português. Como o José de Figueiredo se referisse durante a sua exposição aos trabalhos de Luciano Freire e como eu tambem, na minha comunicação, me referisse a êle, isto impressionou o presidente, que, quando eu terminei, fez referencia ao caso, pedindo que o elucidassemos sobre os trabalhos executados e sobre os processos empregados pelo ilustre artista português.

Quanto á primeira parte, foi satisfeito. Quanto á segunda, José de Figueiredo explicou duma «maneira geral» o processo seguido por Luciano Freire, não podendo evidentemente entrar em pormenores.

Tambem o dr. Reinaldo dos Santos apresentou já o seu trabalho, sobre «Escultores franceses em Portugal». Sei que foi bem. Eu não pude assistir, porque esta comunicação realizou-se no mesmo dia e á mesma hora da minha.

Na quarta-feira proxima é a comunicação de Viana da Mota sobre «Musica Portuguesa», que será acompanhada da execução de trechos de musica dos mais notaveis compositores portugueses. Deve ser muito interessante e, entre os congressistas, há a maior curiosidade em assistir a essa audição do grande pianista nosso compatriota.

Portugueses que vieram ao congresso: José de Figueiredo, Reinaldo dos Santos, Luís Freitas Branco, Viana da Mota, João Barreira, Guedes de Oliveira, Luís Fernandes e êste seu amigo que o abraça, *F. de Almeida Moreira.*

Paris, Outubro de 1921.

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado
"Insole's Cymmer (Merthyr Smokeless)"
CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM
Portuguese Corporation of Commerce Ltd. | Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º | Telefs. C. 5092, 5093, 5094 | Londres—56, Ludgate Hill

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia LUZ VELOSO
Estando quasi completa a assignatura para as primeiras representações, a empresa resolveu abrir nova *assinatura* para as 7 primeiras
Recitas Elegantes
que se realisam ás quartas-feiras com os seguintes originais portugueses em 1 acto: Na 1.ª—**A Prima Rosa quer casar**, farça de D. Maria Isabel Sousa Martins. Na 2.ª—**Novo d'Abril**, de D. Tereza Leitão de Barros, 1.º premio do concurso da *Capital*. Na 3.ª—**Corpo e alma**, de Alfredo Gameiro, 2.º premio. Na 4.ª—**O Degredado**, de Antonio Pinto de Almeida, 3.º premio. Na 5.ª—**Alma antiga**, de D. Maria Fernanda de Castro, 4.º premio. Na 6.ª—**Noite perdida**, de Henrique Roldão. Na 7.ª—Uma peça classica.
As peças serão precedidas de pequenas palestras e os espectaculos completados por peças de reportorio ou por partes de concerto. Os senhores assinantes das prémieres têm preferencia aos seus logares até á proxima quarta-feira 12 inclusivè. A abertura do teatro realisa-se brevemente com a peça italiana **Mario e Maria**. Bilhetes á venda para as primeiras representações.

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51 — LISBOA

GARANTIA
Companhia de Seguros
Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edificio proprio)
Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921
Esc. 7.973.798$76,3
Capital — MIL CONTOS
(Inteiramente realizado)
EFECTUA SEGUROS:
Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e de minas
— Seguros de vida —
AGENTES:
José Henriques Totta, Ld.ª
Banqueiros
Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

COLEGIO CALIPOLENSE
Rua Eduardo Coelho, 108 — Lisboa (á Praça do Rio de Janeiro) Telefone C. 4:199
Este antigo colegio recebe alunos internos, semi-internos e externos, a partir dos 6 anos de idade, aos quais dá uma completa e esmerada educação infantil. Ministra ***Instrução Primaria, Curso Comercial*** completo, ***Curso dos Liceus,*** conforme os programas oficiais, e ***Curso de Explicações*** para os alunos matriculados no liceu. Todas as aulas reabrem no dia 10 de outubro.
O director e proprietario
FERNANDES AGUDO.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Bastidores

Nos bastidores dum teatro numa praia elegante. Ele trinta anos, smoking monoculo, distinção. Ela, vinte e dois anos, beleza moderna, maquillage de scena, vestido de baile.

Ela.—Não compreendo o teu aborrecimento. Andas dum mau humor insuportavel!

Ele.—Pois é facil de compreender...

Ela.—Não acho. Toda a gente me elogia, me festeja, todos dizem que tenho representado lindamente só tu não encontras uma palavra agradavel e chegas ao teatro na altura em que o meu papel acabou!...

Ele.—E ainda é preciso procurar-te nos bastidores...

Cheguei cedo. Queria chegar quando já estivesses no camarote ao pé de tua mãe.

Ela.—Não sei porquê?...

Ele.—Porque me parecia muito natural andar pelos bastidores para fazer a côrte a uma actriz... não á minha noiva.

Ela.—Que séca! Querias então que eu nunca entrasse em recitas de caridade?

Ele.—Não levo tão longe o rigor. Que entrasses uma vez ou outra... está bem. Mas entras sempre. Uma média de três recitas cada inverno dá, com ensaios e espectaculos, para quatro meses de palco e bastidores. Temos ainda a tournée da provincia... e as recitas de verão para os pobres das praias e termas. Acho demais. E' uma vida de profissional.

Ela.—Que culpa tenho eu, se sou precisa? Pedem-me que entre, acham que eu represento melhor de que as outras... e que as recitas sem mim ficam prejudicadas. Naturalmente só tu é que não pensas assim.

Ele.—Efectivamente não te atribuo um talento tão extraordinario... mas, minha querida, se me engano e tens aptidão, vocação e gosto, segue a carreira. Ahi está uma resolução justa e util.

Quando alguem possue um talento que se reconhece e se especialisa deve seguir a carreira que esse talento lhe impõe. Desse modo está certo. Mas deste é que não. Penso que mesmo as profissionais devem ver com muito maus olhos esta invasão impertinente dos seus dominios.

Ela.—Mas tu não casavas comigo se eu fosse actriz de profissão?...

Ele.—Não, porque não sou actor, nem autor, nem emprezario e entendo que nessas profissões está o marido indicado para uma actriz, aquele que a pode acompanhar e seguir e amparar na sua carreira, partilhando o seu trabalho e a sua gloria.

Ela.—(desviando o assunto). E os pobres, para ti, não contam?

Ele.—Os pobres! têm as côstas largas, coitados! E depois, há tantas coisas que a gente da sociedade pode organisar para eles, fóra do teatro! A festa da flôr, por exemplo, que tanto produz e que é mais fatigante do que divertida e por isso mesmo mais meritoria...

Ela.—Só o teatro é que te merece censura... Como? é o mais interessante...

Ele.—Sim, principalmente o teatro, não há duvida. A atmosfera dos bastidores é perigosa, assim como as ocações e esse continuo desempenho de scenas apaixonadas...

Ela.—(coquette) Tens ciumes?

Ele.—Não. Sinto-me ridiculo.

Ela.—E as profissionais, que tu não censuras, não correm esses perigos?

Ele.—Por métier. Em todas as profissões há perdas e damnos. O medico e o enfermeiro correm perigo de vida...

Ela.—Ora!... Se te apaixonasses a valer por uma actriz... casavas com ela!...

Ele.—Se ela gostasse tanto de mim que deixasse o teatro para me acompanhar na minha vida... fazia decerto melhor casamento de que casando comigo, para tu levares uma vida em que eu não posso nem quero acompanhar-te...

MARIA DE CARVALHO

Universidade Livre

O ano lectivo de 1921-22

Está aberta a matricula para os cursos fixos que a Universidade Livre mantem todos os anos na sua sede.

Os cursos, para os quais se recebem desde já inscrição, são: português, francês, aritmetica, escrituração comercial, taquigrafia e dactilografia.

Está-se tambem preparando uma serie de conferencias sobre assunto de interesse publico, convidando para isso professores das varias faculdades da Universidade de Lisboa.

PALAVRAS CLARAS

O DIRECTOR DO "JORNAL DO COMERCIO", DO RIO DE JANEIRO, E' ENTREVISTADO PELO "DIARIO DE LISBOA"

O CHAMADO "EQUIVOCO NATIVISTA" — A ATITUDE DO PRESIDENTE DA REPUBLICA BRASILEIRA — OS PROFISSIONAIS DO ATAQUE AO BRASIL E A PORTUGAL — A EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO DO BRASIL

Os jornais noticiaram a chegada dum nosso patricio ilustre, que no Brasil ocupa uma posição de alto destaque, pois que é hoje o quasi dono da mais importante empreza jornalistica do Brasil, senão de toda a America do Sul—o importante *Jornal do Comercio*, do Rio de Janeiro. Esse patricio que tanto nos honra na terra irmã, é o comendador sr. Antonio Ferreira Botelho, natural de Vila Real, de onde partiu para o Brasil há

Antonio Ferreira Botelho

Director do «Jornal do Comercio» do Rio de Janeiro

bons trinta anos, tendo principiado como empregado de administração e conquistando por um aturado e honrado trabalho a alta situação social que ocupa no meio social brasileiro.

Escusamos de encarecer a obra do *Jornal do Comercio* a favor de Portugal, tão valiosa e tão conhecida ela é, se bem que em parte, talvez já esquecida.

Foi há cerca de vinte anos, que o *Jornal do Comercio* prestou ao nosso paiz os mais assinalados serviços, numa questão de direitos e graduação de vinhos. Dirigia então o grande jornal brasileiro o eminente dr. José Carlos Rodrigues, que tomou a nossa defesa expontanea e desinteressada. E a nossa vitoria foi completa.

A influencia do grande orgão da opinião brasileira é tradicional. Uma noticia, uma «varia», de trez linhas, já fez demitir um ministro em poucas horas.

E esse importante orgão, que é hoje dirigido pelo comendador sr. Ferreira Botelho, que, por estar profundamente radicado á vida brasileira, não deixa de sentir vivo afecto pela sua Patria e pela sua terra natal, onde diz que ha-de vir acabar seus dias e onde está agora reedificando a velha casa paterna.

Os seus serviços á nossa colonia são imensos, são constantes. Não no-lo diz ele, que procura sempre esconder-se na sua grande modestia, esquivando-se, sorridente e amavel, no seu sotaque trasmontano, que conserva puro, dizendo que não dá entrevistas, que não é jornalista, mas apenas, por acaso, dono de uma grande empreza jornalistica; mas sabemo-lo nós de tradição.

Ainda agora, no que ele chama o «equivoco nativista» o seu jornal, por meio das suas três edições diarias, duas no Rio e uma em S. Paulo, concorreu decisivamente para chamar a atenção dos poderes publicos sobre as violencias do oficial de marinha Vilar.

E as violencias terminaram.

E' preciso referir que o *Jornal do Comercio* dá todo o apoio ao actual governo do sr. dr. Epitacio Pessoa, o que tornou tanto mais proveitosa a defeza que o grande jornal brasileiro de nós fez.

Sobre este assunto, principalmente, nos interessava ouvi-lo. As opiniões são tão contraditorias... Afinal, procurámos romper o seu mutismo.

—Mas diga-nos alguma coisa sobre o nativismo...

—Olhe, o nativismo, quem o tem agravado são os defensores de Portugal.

E sublinhou os *defensores*. Quasi compreendemos. Mas não queriamos relatar sem apreender bem.

—Mas que *defensores*?...

—Uns tantos defensores que cá e lá fazem profissão de defender os portugueses... Assim, agora cá tambem parece que há profissionais do ataque ao Brasil, como lá os há do ataque a Portugal. Uns e outros não valem dois caracois. Essa léria do nativismo nunca teria tomado proporções tais, se não fossem alguns jornais portugueses que lá chegam com retaliações que ainda mais irritam os especuladores de lá.

—Mas parece que esses jornais têm lá sido apreendidos ou impedidos de circular.

—Ouvi falar nisso, mas não sei se é exacto. Se é exacto, não é de estranhar. O governo brasileiro está no seu direito de impedir a circulação de jornais estrangeiros que vão lá excitar paixões, como o governo português teria o direito de proceder de igual modo se o facto se desse de lá para cá...

—Mas não se poderia acabar com tal imprensa ou com tais ataques?

—Isso, isso é que seria uma boa obra, tanto de cá como de lá. Creia que no dia em que acabassem os jornais que alimentam essa vergonhosa campanha explorativa, de um lado e doutro, não se falava mais em nativismo. E' preciso acabar com esse equivoco. Diz-se, por exemplo, que o presidente Epitacio apoia os exploradores que lá atacam Portugal. Ainda bem que não preciso desmentir tal patacoada, por que o telegrama publicado nos jornais sobre as afirmações publicas e perentorias em contrario, esclarecem a situação perfeitamente. O que é certo é que os nativistas desnaturavam e especulavam com as afirmações nacionalistas do ilustre presidente. Posso afirmar-lhe isto.

O comendador sr. Botelho mostrava-se já impaciente por terminar. Mas arriscámos ainda uma pregunta:

—E sobre a Exposição do Centenario?...

E' preciso que Portugal compareça e se faça representar com brilho. Ainda que nenhuma outra nação lá fosse, Portugal deveria e deve ir.

Um aperto de mão, amavel, punha termo á entrevista.

Um almoço ao ministro da instrução

oferecido pelo pessoal do seu gabinete

O pessoal do gabinete do sr. ministro da instrução ofereceu ontem, no Grande Hotel de Italia, no Estoril, um almoço ao sr. Ginestal Machado.

NO TERREIRO DO PAÇU

Efectuou-se hoje a entrega solene, ao exercito português, da bandeira oferecida pela nossa colonia residente no Brasil

O sr. Freitas Soares, ministro da guerra, passa em revista as tropas e pronuncía um patriotico discurso

Realisou-se hoje pelas 15 horas, na Praça do Comercio a cerimonia solene da apresentação da bandeira nacional que a colonia portuguesa do Brasil, ofereceu ao nosso exercito como preito de homenagem pela sua valentia e abnegação nos campos da batalha.

Cerca das 14,30 horas, chegaram a Praça do Comercio os generaes Abel Hipolito, Vitorino José Cesar, Mendonça e Matos, Bernardo Faria, comandante da 1.ª divisão do exercito; coronel José Pedro de Lemos, acompanhado do chefe do estado maior José Joaquim Ramos e ajudante de campo, capitão Fernando de Sousa; comandante das forças de operações em Mafra, coronel Felisberto Alves Pedrosa; capitão Olimpio de Melo, promotor do Tribunal do C. E. P.; general Ferreira Gil; dr. Mario Monteiro, a quem se deve a iniciativa da oferta da bandeira; ministros da Instrução, Comercio e Interior e coronel sr. Raul Esteves, que assumiu o comando das forças da guarnição que prestaram as honras á bandeira.

A's 15 horas chegou uma força de cavalaria 2, conduzindo a bandeira nacional do palacio de Belem para o ministerio da Guerra, sendo porta-bandeira um alferes, que vinha escoltado por sargentos condecorados com varios numeros, a qual era aguardada por varios contingents de forças da guarnição: marinha; guarda fiscal e guarda republicana.

Na ocasião em que o porta-bandeira desmontava, para ir entregar a bandeira ao ministro da Guerra, esta soltou-se da lança e caiu no solo.

Nisto o sr. ministro da Guerra, acompanhado pelo coronel sr. Alves Pedrosa, Abel Hipolito, presidente do ministerio, ministros do Comercio e Instrução, e comandante da primeira divisão, avançou para o local, onde a foi buscar.

Em seguida desfilaram os contingentes do exercito em continencia á bandeira, pela seguinte ordem: banda de musica do batalhão de sapadores de caminhos de ferro, marinha, lanceiros, telegrafistas de praça, sapadores de caminho de ferro, infantaria 1, companhias de saude, artilharia de guarnição, 1.º grupo de companhias de saude, 1.º grupo de administração militar, infantaria 2, guarda fiscal, guarda republicana, etc.

Em seguida o ministro da Guerra dirigiu-se para o seu gabinete, onde foi seguido por varios oficiais, tendo ali feito um breve e significativo discurso, agradecendo a iniciativa da nossa colonia residente no Brasil, como uma demonstração de alto patriotismo.

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses	....	9$00
6 »	....	18$00
12 »	....	36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz-Soriano, 48

A CIDADE

A CAMINHO DA SALVAÇÃO?

Algumas propostas que vão ser brevemente apresentadas pela comissão parlamentar de finanças á Camara dos Deputados

A criação de um banco do Estado; o levantamento de um emprestimo externo e um cadastro á propriedade

Ha dias o «Diario de Lisboa», optimamente informado, como sempre, noticiou que a comissão parlamentar de finanças estava trabalhando com afinco para apresentar na primeira sessão da camara dos deputados umas propostas de largo alcance.

Hoje, alguma coisa mais podemos ajuntar a essas informações, o que constitui um verdadeiro *record* de reportagem, de tal maneira os membros dessa comissão se mantêm impenetraveis.

Como o leitor sabe, pertencem a essa comissão, entre outros, os srs. Cunha Leal, Fausto de Figueiredo, João Luís Ricardo e Vasconcelos e Sá. As reuniões da comissão têm sido inumeras, assistindo a elas as principais autoridades financeiras da nossa praça, que lhe dão todo o seu concurso.

Sabemos que as propostas de finanças se baseiam em três pontos: primeiro: o cadastro geometrico da propriedade, para servir de molde a uma nova tributação; segundo: a criação por parte do Estado dum estabelecimento de credito com interesses coligados; terceiro: o levantamento dum emprestimo por via da nossa frota mercante.

O cadastro da propriedade far-se-ha facilmente e dentro de pouco tempo, adoptando o Estado um meio novo e eficaz. Não existem comissões de longos serviços e de duração eterna. Metodo matematico, é a expressão.

O estabelecimento bancario que terá um nome sonante será bem visto por todos os financeiros da praça... Os leitores, vão vêr! A nossa frota mercante é ainda a unica garantia real, nada cincoenta milhões de dollars, que pode servir para levantar no estrangeiro um largo credito que ponha os cambios a direito.

Ha ainda outras propostas. As mais importantes, são as que acima se citam. E' provavel que o nosso Parlamento, como sempre, leve bastantes meses a discuti-las. No emtanto os srs. Cunha Leal e Fausto de Figueiredo, certamente conseguirão aplanar muitas dificuldades e colocar bastantes, et-caeteras nas perorações dos nossos parlamentares.

E para fechar e socegar um pouco os funcionarios publicos:

A comissão não pensa em reduzir quadros; pelo contrario, tenciona manter os actuais, sendo provavel que aumente os honorarios dos funcionarios tecnicos, de maneira a poderem dedicar-se exclusivamente á sua profissão.

FACULDADE DE SCIENCIAS

Exoneração de 2.º assistente do grupo de zoologia

O sr. Antonio Augusto Candido Dias foi exonerado, a seu pedido, de 2.º assistente do grupo de zoologia da Faculdade de Sciencias de Lisboa.

Toda a correspondencia relativa a anuncios, assinantes e agentes deve ser dirigida á rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria deste jornal, onde se encontram já instalados todos os serviços de administração.

TEATRO POLITEAMA

AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES COLHIDAS PELAS NOVAS ACTRIZES ALDA RODRIGUES E MARIA CORTE REAL

AS DUAS ESTREANTES NÃO SENTIRAM A GRANDE "EMOÇÃO" — COMO ALDA RODRIGUES ENTROU PARA O TEATRO E ESPERA SEGUIR AS INDICAÇÕES DE LUCILIA SIMÕES — MARIA CORTE REAL FALA POUCO

Que impressões sentirá uma artista quando, pela primeira vez, aparece em scena, pisando a serio o tablado, frente ao grande publico, que duma só vez lhe pode dar a glória ou arremeçá-la para o insucesso? Terá qualquer coisa de vertigem? De deslumbramento?

Alda Rodrigues, a estreiante de há dias, na «Raça», entreabre francamente o seu camarim e a sua alma. E' muito ingenua, muito simples, quere responder, mas quasi que não pode. Se ela tem dezoito anos, uns cabelos negros apartados em bandós, uma bôca côr de rosa dum húmido de vinho e uns olhos de luto, clarões fulgurantes que cegam e que deslumbram!

— Em scena, diz? Mas muito bem Não senti impressão; não olhei o publico...

— Entrou com o pé direito?

— Ora! Ora! Não sei!

E ri-se muito. E' muito gracil, duma simplicidade que encanta. Tem um ar de castelã, talvez duma noiva. O seu vestido branco, que lhe desnuda os braços e golpeia o colo com um decote pequenino, não a faz mulher, fá-la criança.

— Entrei para o teatro pela mão de D. Lucilia. Gostava tanto, tanto!

E, brincando com a sua cruzita de brilhantes falsos, infantil, travessa:

— Foi há cinco meses, sabe?

— Ela estava no liceu; chegou ao quinto ano — diz uma senhora, toda de preto: a mãe. — Em casa, era uma paixão: só queria o teatro. Pois então vai!

Alda Rodrigues, muito ingenuamente, pregunta:

— Quando sai a noticia?

— Na segunda-feira.

Tornámos:

— Em scena, quando falou pela primeira vez em frente daquela grande sala, toda negra, mais negra que um abismo, não se mostrou nervosa? Ora confesse, vamos!

— Já lhe disse que não.

E, num sorriso:

— A D. Lucinda tinha-me dito que não olhasse... Não olhei, ao principio. Depois, uma vista muito rapida, muito curta, porque receei distrair-me. Se encontrasse algum conhecido!...

— A peça agrada-lhe?

— Gosto dela.

— E o que sonha fazer?

— O que a D. Lucilia quizer. O reportorio... Mas de tudo, de tudo, o que gosto mais de fazer são papeis dramaticos...

— Já é alguma coisa, cortámos.

Alda Rodrigues está muito alegre, muito viva. E' uma noiva recente do teatro, cheia de confiança e de amor.

— Pode lá dizer no jornal que fui verdadeiramente atraida para o teatro Nunca representei, nem como amadora

— Vai já para o calvario? — dissémos quando ela descia a escada do camarim.

— Que mau! Eu gosto tanto disto!

— Tem, na sua familia, algum artista?

— Tenho! E' o...

Era mais uma ingenuidade. Dali a momentos Alda Rodrigues, em scena, ia desfolhando as rosas do seu amor...

* * *

Outra estreante: Maria Côrte Real. Esta tem uma *nonchalance* aristocratica, frieza, indiferença; uns cabelos louros, manchados de escuro, e um grande colar de perolas, que ela beija como uma rainha Traz já o vestido roxo de scena. No seu camarim dá recepção ás amigas. A luz falseia as côres e põe no espelho um doirado irritante. Não entrámos. A conversa decorre na varanda que dá para o palco, onde o scenario está já armado. Lá em baixo passa Lucilia Simões.

Maria Côrte Real tem uma face pálida, quasi exangue; dos olhos nada te podemos dizer, leitor, mas devem ser frios laminares.

A' primeira pregunta, responde assim:

— Pisei a scena sem um estremecimento, sem receio. Como se fosse em minha casa.

Cala-se. Continua beijando o seu colar de perolas. Está mais glacial, mais altiva.

— Gostou das criticas? Leu a de Norberto de Araujo no «Diario de Lisboa»?

— Gostei?! Mas não lhe posso dizer. Os criticos lá sabem...

Um silencio. Será uma alma que não se dá ou que não tem emoções para dar?

— O que pensa fazer?

— Não sei: não pensei.

Alguem diz:

— Vai muito bem naquele papel de «coquette».

Maria Côrte Real não responde. Tem uma indiferença maior; acaricia agora, lentamente, com uma certa preversão, as perolas do seu colar.

— Quantos anos tem? Desculpe, é uma indescrição...

— Vinte e um.

A sua cabeleira loura, dum louro sêco de crisantemo, empalidece-lhe a face que o «créme» parafina, numa modelação tumbal.

— Há quanto tempo anda a ensaiar?

— Há cinco meses. Primeiro, com a sr.ª D. Lucilia Simões; depois, quando ela foi para a Figueira, com a sr.ª D. Lucinda.

Há uma frieza maior. Em baixo, o contra-regra chama. Despedimo-nos. Maria Côrte Real estende a sua mão de dedos afilados, sem uma palavra. Os seus labios beijam outra vez, num gesto de rainha, as perolas do seu colar antigo...

Pão e subsistencias

Sobre estes assuntos conferenciaram hoje os srs. ministro da Agricultura e os comissarios dos abastecimentos de Lisboa, do Norte e de Beja

Sobre assuntos de subsistencias, questão do pão, etc., realisou-se hoje demorada conferencia entre os srs. ministro da Agricultura, comissario geral dos abastecimentos, delegado dos abastecimentos do norte e comissario distrital dos abastecimentos de Beja.

Escola de Belas Artes

O corpo docente cumprimenta o sr. ministro da Instrução

O corpo docente da Escola de Belas Artes de Lisboa foi hoje agradecer ao sr. ministro da Instrução a sua visita aquele estabelecimento e as atenções que lhe tem dispensado.

Um inspector escolar transferido

O sr. Athahyba Duarte de Souza, inspector escolar de Vila Pouca de Aguiar, foi transferido, a seu pedido, para o circulo oriental do Funchal.

OS TEATROS

Intriga de bastidores

O jornal O Debate, de Santarem, a proposito duma entrevista com a brilhante actriz sr.ª D. Amelia Rey Colaço, em que esta artista se referia ao publico daquela cidade, faz alguns comentarios deveras injustos.

A sr.ª D. Amelia Rey Colaço disse nessa entrevista que tinha ouvido na plateia, num final de acto, um bis.

Porém, como se pode depreender, sem grande esforço, lendo a entrevista, a sr.ª D. Amelia, disse isso não com a intenção de melindrar o publico de Santarem, mas sim para marcar uma ingenuidade e um mo[...]ato de agrado da plateia que muito a comoveu.

De resto, três redactores deste jornal, que foram a Santarem assistir ao primeiro espectaculo da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro leram uns impressos afixados nas paredes do teatro daquela cidade, em que se recomendava ao publico a maxima compostura e que não se intrometessem com os artistas...

Querem maior ingenuidade?

Atraz do reposteiro

Entraram hoje em ensaios nos teatros de S. Carlos e Politeama, respectivamente as peças «Os lobos» de Francisco Lage e Correia de Oliveira e «Sol de Aldeia» para estreia da actriz Brunilde Judice da Costa.

—O nosso camarada na imprensa sr. Alvaro Lima vai publicar por todo o mez de Novembro um livro de teatro sob o titulo «Vai principiar...». São 21 cronicas inéditas de assuntos de bastidores prefaciados pelo dramaturgo Eduardo Schwalbach.

A capa é ilustrada por Teixeira Bastos.

—José Lourenço Rodrigues, autor duma comedia intitulada «Quem tem amores...», e que está na posse de Alves da Cunha, entregou uma revista á empreza do Salão Foz.

—No dia 12 iniciam-se os ensaios noturnos da revista «Pau de dois bicos», para cuja montagem se continua trabalhando.

—A actriz Amelia Perry, que se disse andar em negociações com uma empresa teatral, foi efectivamente convidada a reaparecer breve, mas declinou o convite por motivos de ordem particular

—Encontra-se em Lisboa, a tratar de assuntos teatrais, o escritor Arnaldo Leite.

—Os duetistas «Os Geraldos» não reaparecem por emquanto ao público de Lisboa.

—No teatro Apolo está planeada uma *reprise* da revista «A Princeza Magalona».

—Fez hoje a sua apresentação a companhia Otelo de Carvalho que, no Salão Foz vai representar a revista «Bichinha gata».

Reclames

S. CARLOS—A distribuição da peça «Jerusalem!», que está em ensaios para apresentação da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, é a seguinte:

«George Lesley», Robles Monteiro; «Padre Lazaro», Henrique de Albuquerque; «Leonardo», Ernesto Rodrigues; «Irmão Deodato», Tomé da Veiga; «Um judeu», Antonio Pinheiro; «Frei Boaventura», José Alves; «Um franciscano», Otavio Bramão; «Um popular», Rui Metelo; «Outro popular», José Miranda; «Um monge grego», Narciso Vaz; «Um criado», José Alves; «Domicia», Amelia Rey Colaço; «Miss Lesley», Antonia de Sousa, e «Annie», Judite Silva.

AVENIDA—O melhor reclame á opereta «Flôres da Noite» é o facto de a bilheteira se exgotar todas as noites, batendo assim a linda opereta o «record» dos sucessos desta temporada.

APOLO—Porque constitue o «Gato por Lebre», um grande sucesso? Quanto ao desempenho temos o maravilhoso trabalho de Henrique Alves no «compere» uma das suas ultimas criações de maior valor.

SALÃO FOZ — A companhia Otelo de Carvalho compõe-se dos seguintes elementos artisticos:

Actrizes: Laura Costa, Julia de Assunção, Rosalina Sayal, Tina Coelho, Guilhermina Anjos, Eugenia Quintão, Maria Silva, Julia Pinto, Dina Moreira, Fernanda de Almeida e Maria Coelho. Actores, Antonio Gomes, Otelo de Carvalho, Martins dos Santos, José David, Julio Martins, Francisco Mendonça, Reginaldo Duarte e Garcia Ruas. Director artistico, Otelo de Carvalho; ensaiador, Martins dos Santos; maestro, Luiz Filgueiras; directora do corpo de baile, Encarnacion Fernandez; ponto, Pinto Monteiro; contra-regra, Mendonça; costumier, Castelo Branco; cabeleireiro, Vitor Manuel; maquinista, Miguel de Almeida; electricista, Emidio Pratas; secretario da companhia, Ricardo Lambert.

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21—«A leiteira de Entre-Arroios».
GIMNASIO—A's 21,30—«A Labareda».
AVENIDA—A's 21,15—"Flôres da Noite".
APOLO—A's 21,15—"Gato por lebre".
POLITEAMA—A's 21,30—"A raça".
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
CHIADO TERRASSE—Fechado.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,15—«Box».
SALAO FOZ—Animatografo e variedades.
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALAO IDEAL—Animatografo.

NOTAS MUNDANAS

Veraneios elegantes

Figueira da Foz, 8

Na noite de 30 de setembro ultimo realizou-se no salão particular do Grande Casino Peninsular, amavelmente cedido pelos seus directores, um elegante «chá» organizado por uma comissão de meninas solteiras, da qual faziam parte as seguintes: D. Albertina Pereira Caldas Vilarinho, D. Clotilde Pereira Caldas de Vasconcelos, D. Hebe Neto e Pereira Serzedelo de Ferreira Ribeiro, D. Paulina Pereira Caldas de Vasconcelos e D. Teresa Pereira Caldas de Vasconcelos, e os srs. Antonio de Azevedo Sousa, Francisco Pereira Caldas de Vasconcelos e quem escreve estas linhas.

Era meia noite quando se deu começo ao baile que decorreu animadissimo, dançando-se sem interrupção até perto das quatro da madrugada ao som do eximio quarteto «à la tzigane» do Café Europa.

Pelas duas horas foi servido um finissimo «chá», em pequenas mesas, que estavam espalhadas na bela galeria do Grande Casino, sendo o serviço fornecido pela acreditada «pâtisserie» Benard.

Antes de terminar o baile dançou-se com verdadeira animação «o Estaladinho» e «o Vira», que despertaram na seleta assistencia, onde se notava tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, grande entusiasmo.

No dia 2 do corrente realizou-se a primeira garraiada da época que decorreu muito animada, causando grande hilaridade as varias peripecias que sucederam durante a lide dos nove garraios, mas não podemos deixar de fazer uma pequena referencia á esplendida «pega de cara» feita pelo joven forcado amador o menino Francisco José de Borja Trindade de Serra e Moura, que mostrou valentia e sangue frio.

Na noite de 4 os srs. viscondes de Maiorca ofereceram no seu magnifico solar na Vila de Maiorca, um esplendido baile em honra dos seus hospedes o sr. Carlos Iglesias da Silveira Viana e de sua espa a sr.ª D. Teresa de Calheiros da Silveira Viana. A magnificente residencia solarenga dos nobres titulares, onde se nota grande numero de preciosidades antigas, apresentava nessa noite um dos seus mais belos aspectos.

Dançou-se no vasto salão de entrada, ao som do eximio quarteto «a tzigane do Café Europa», tendo-se apenas interrompido pelas duas horas, hora a que foi servida na elegante sala de jantar, que se encontrava artisticamente ornamentada com grande profusão de plantas e cristais, uma finissima ceia.

Depois da ceia o sr. conselheiro Francisco Patricio fez-se ouvir em varios fados no violino, que todos os assistentes aplaudiram com verdadeiro entusiasmo, prosseguindo depois a dança sem interrupção até perto da madugada.

O sr. conselheiro Francisco Patricio marcou com toda a proficiencia, imprimindo-lhe todo o seu espirito um «estadadinho» e que foi seguido de um «vira».

Eram sete horas da manhã quando começaram a retirar para a Figueira da Foz os numerosos convidados, extremamente gratos pelos deliciosos momentos que os ilustres donos da casa lhes proporcionaram.

Povoando as salas notavam-se as sr.as:

Condessa de Felgueiras, viscondessa de Alvelos, D. Jesuina Pereira dos Santos e filha D. Maria Luisa; D. Emilia Caldeira Bourbon Ferreira Pinto Basto, D. Matilde Pereira Caldas de Vasconcelos e filhas D. Paulina, D. Teresa e D. Clotilde; D. Maria Madalena de Trigueiros Martel Patricio, D. Judite Pereira Caldas Correia de Lacerda, D. Maria de Mascarenhas Calheiros Madeira e filhas D. Maria da Piedade e D. Maria Casimira; D. Alice Barjoda da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), D. Maria Teresa Calheiros da Silveira Viana, D. Ana Maria de Sousa Carrisso, D. Celeste de Melo Mendes, D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo, D. Maria Raquel de Queiroz Medeiros, D. Maria Amelia Correia Mendes Ramos, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Maria da Piedade Borges Pessa e filha D. Maria Fernanda Isabel; D. Berta Couceiro Leitão Rito e filha D. Maria do Ceu; D. Maria Antonio de Ataide de Magalhães e Meneses (Felguetras), D. Catarina Cordeiro, D. Maria Natalia Couceiro de Magalhães e Meneses (Felgueiras), D. Julieta Mauri da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Maria do Loreto Manuel e D. Maria do Carmo de Borja Trindade, D. Maria Machado Reimão, D. Hebe Neto e Pereira Serzedelo de Ferreira Ribeiro, D. Maria do Rosario da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Albertina Pereira Caldas Vilarinho, D. Otavia de Freitas Branco Sassetti, D. Margarida Barata Alpoim.

E os srs.:

Conde de Felgueiras, visconde de Alvelos, conselheiro Francisco Patricio, Alfredo Ferreira Pinto Basto, dr. Luiz Carrisso, dr. Antonio de Azevedo, Manuel Tavares de Almeida, Fernando da Costa Mendes, Henrique Mendes Ramos, Francisco Pinto de Carvalho, D. João da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), dr. Custodio Pessa, dr. Francisco de Assis Teixeira de Magalhães e Menezes (Felgueiras), dr. Eduardo de Medeiros, dr. Guilherme da Costa (Alvelos), Carlos Iglezias da Silveira Viana, Hugo Navarro de Andrade Belmarço, Manuel de Barros (Alvelos), José Antonio Caldas Garcia Reis, D. Bernardo José da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), Heraldo de Ferreira Ribeiro, Francisco Correia de Lacerda, Luiz de Assis Teixeira de Magalhães e Menezes (Felgueiras), Francisco de Trigueiros Martel Patricio, Tito de Castelo Branco Arantes, Albano e Joaquim Caldeira Bourbon Ferreira Pinto Basto, Francisco Pereira Caldas de Vasconcelos, Fernando Eloi Borges Cardoso, Vasco Couceiro Leitão Rito, etc., etc.

D. Nuno

Em Cascais

Corridas de cavalos

Fala-se com grande insistencia que brevemente se realizará no campo da Marinha, uma nova corrida de cavalos, na qual se realizará um desafio entre os dois distintos cavaleiros srs. Antonio d'Eça de Queiroz e Filipe de Melo e Castro de Vilhena, respectivamente nos cavalos «Profond» e «Gentleman». Segundo nos afirmam fez-se grande numero de apostas no valor de contos de réis.

Vai ser portanto uma outra tarde de verdadeiro entusiasmo.

Jantar á americana

Foi uma festa deveras interessante a realizada na noite de sabado no «hall» das termas-Estoril, o que aliás tem acontecido com todas as anteriores, visto que este recinto esta considerado como um dos mais elegantemente frequentados pela nossa primeira sociedade. O seu principal organizador, o sr. dr. Francisco Pais de Sande e Castro, merece os nossos mais rasgados elogios pela forma impecavel como tudo decorreu. Durante o banquete, que como noticiámos era servido pela «Garrett» o sexteto daquela elegante casa executou diversas dansas que os "danseurs" aproveitaram com entusiasmo.

Entre a seleta assistencia podemos notar as seguintes senhoras:

Condessa da Calhariz, D. Rita Correia de Sampaio Daun e Lorena (Pombal), D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Maria de Lancastre Wanzeller, D. Matilde Mateus dos Santos e neta, D. Tereza Teles da Silva Gonçalves, D. Berta Lisboa de Lima, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho (Alverca), D. Mary Andressen Bregaro, D. Sofia Forreira Pinto Mac-Nicoll, D. Maria Isabel Perestrelo Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Julieta Holtreman Roquete Ricciardi, D. Ludovina Roquete Soares de Albergaria Diniz, D. Maria Luiza Lobo de Avila Ferreira Monteiro, D. Maria Placido de Melo Breyner (Maira), D. Maria Antas Ramires dos Reis, D. Maria de Macedo e Brito de Romero, D. Eugenia de Vilhena Palma, D. Maria Tereza Mayer de Magalhães, D. Julieta Vaz Berneaud Alves, D. Maria Amelia de Macedo de Sande e Castro, D. Maria Rino Eça de Queiroz, D. Maria Adelaide Salema Rohn, D. Maria das Dores Correia de Sampaio Brandão de Melo, D. Maria do Carmo Roquete Burnay, D. Raquel da Costa Cardoso, filhas e sobrinhas, D. Maria Carlota Pimentel Pinto de Romero, D. Maria de Lourdes Correia de Sampaio Roquete, D. Maria Gomes, D. Maria Mousinho de Albuquerque Ataide, D. Berta Macieira Reis, D. Sofia de Covachich de Lima, madame Rodrigo Castro Pereira, D. Maria da Conceição Perestrelo Orey, madame Alberto Macieira, D. Maria de Sá Pais do Amaral, madame Fausto de Figueiredo, madame Lucio de Azevedo e filhas, D. Maria Roquete, madame Arnaldo Ferreira, D. Graziela Gomes, D. Sofia Sousa Marques, etc.

Festas de caridade

No parque Palmela

No proximo domingo realiza-se no parque Palmela, em Cascais, o ultimo dia de festas que a comissão de senhoras da aristocracia, presidida pela senhora duquesa de Palmela, levou a efeito a favor de varias obras de caridade, e que tanto sucesso alcançou nas ultimas noites.

Além das diferentes barracas de sortes, tombolas, tiro ao alvo, etc., haverá um interessante espectaculo no qual tomam parte gentis meninas da sociedade e será servido um elegante «tea» pelas senhoras da comissão.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Maria Teresa de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), D. Maria Teresa de Queiroz Pinto Coelho, D. Candida de Carvalho Lamas e D. Maria das Mercês de Carvalho Lamas.

E o sr.:

Luís de Castro Freitas Branco.

Casamentos

Pelo sr. Antonio Campelo foi pedida em casamento, para seu filho Antonio, a sr.ª D. Berta Helena Supardo, gentil filha da sr.ª D. Maria Etelvina de Walden Supardo e do sr. Carlos Supardo.

O casamento realiza-se brevemente.

Recitas da moda

Como prometemos, quando publicámos a nota das recitas da moda nos varios teatros da capital e dissemos que nos refeririamos detalhadamente a cada uma delas, hoje vamos referir-nos ás do elegante teatrinho «Chiado Terrasse», que ainda este mês se inaugurará pela esplendida companhia da brilhante actriz Luz Veloso e para as quais a actual empresa acaba de abrir uma assinatura especial para 7 recitas que se efectuarão ás terças-feiras e para as quais ha grande entusiasmo entre as principais familias da nossa aristocracia.

O «Chiado Terrasse» vai ser de novo ás terças feiras um dos pontos de reunião mais elegantes da capital, estando por isso certos que as noites brilhantes de outr'ora voltarão de novo. Na primeira recita que se realisa nos meados de novembro subirá á scena o original em um acto «A prima Rosa vai casar» de D. Maria Izabel de Sousa Martins.

Nos teatros e cinemas

No Politeama

Na noite da abertura da epoca de inverno neste elegante teatro, com a estreia da companhia dramatica da notavel actriz Lucilia Simões, com a linda peça «A Raça», recorda-nos ter visto, entre outras, as sr.as:

Madame Foutoura Xavier e filha, D. Ana Margarida, D. Arminda Machado Rangel dos Santos, D. Gabriela Bandeira de Melo Lopes, D. Laura Santana Galhardo, D. Rosa Barroso de Morais, madame Rey Colaço e filhas D. Maria e D. Alice; D. Maria Correia Leite, D. Flavia Correia Leite de Eça Leal, D. Berta Macieira Reis, D. Aida Mourão, D. Aida Mourão Viana, D. Carolina Teixeira Pereira, madame Pereira de Melo, D. Berta Pocariça da Costa Freire, D. Elvira Navarro e filha D. Octavia, D. Maria Alice Soares de Andrade Costa, D. Fernanda e D. Maria Corte Real, D. Julia de Melo Guerreiro e filha D. Eugenia, D. Adelia e D. Eulalia Pereira, mesdemoiselles Alvares, etc.

Assistiram tambem as artistas sr.as D. Amelia Rey Colaço, D. Helena de Castro e D. Constança Navarro.

Em viagem

Regressou da Figueira da Foz, á sua quinta perto de Tomar, com sua esposa a sr.ª D. Maria de Melo e Castro Esteves de Brito e sua gentil filha D. Maria de Lourdes, o sr. Dinis de Melo e Castro Esteves de Brito.

—Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Ana Ahrens de Novais e suas gentis filhas e filhos, regressou da Figueira da Foz, o sr. Joaquim Novais.

—Vindo da Figueira da Foz, onde já regressou esteve em Lisboa, o sr. conde de Felgueiras.

—A' Figueira da Foz, regressou hoje o sr. Francisco Correia de Lacerda.

—Está em Lisboa, vindo da Figueira da Foz, a onde regressa na segunda feira, o sr. dr. Francisco de Assis Teixeira de Magalhães e Meneses (Felgueiras).

—Com suas gentis filhas D. Aida e D. Maria Carlota e seu filho José Antonio, partiu da Figueira da Foz para o Monte Estoril, a sr.ª D. Luiza Guedes de Andrade.

—Deve partir por estes dias para a Figueira da Foz, onde vai passar alguns dias, o sr. Frederico Duff Burnay.

—Regressou da sua digressão pelo Algarve, o distinto escritor sr. tenente coronel do corpo do estado maior Mario Campos.

—Regressaram do Monte Estoril, a Lisboa, os srs. dr. Manuel Marques Braga e capitão de infantaria Luis de Santana.

—Regressou da sua casa de Monchique o sr. Francisco Barata Feio.

—Vindo da Ericeira regressou já a Lisboa o sr. dr. Armando Narciso.

Partem na quarta-feira para a sua casa em Alcaide o sr. conselheiro João Franco e sua esposa.

—Com sua esposa regressou da praia da Granja o sr. Gabriel Ramires dos Reis.

Companhia de navegação
LLOYD BRAZILEIRO
Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa
Para carga e passageiros trata-se com os agentes
PINTO & SOTTO MAIOR
Rua do Ouro, 24
Telefone n.º 1227 C. LISBOA

DINHEIRO
Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores
n'A COMERCIAL
18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)
TELEFONE C. 3:992

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA

TINTAS PARA CIMENTO MADEIRA FERRO ETC
PASTA IMPERMEABILISADORA PARA CIMENTO
PRODUCTOS PARA ENDURECIMENTO DE CIMENTO
STOCK PERMANENTE DE
CIMENTO MADEIRAS E AÇOS
PARA CIMENTO ARMADO
SOCIEDADE COMERCIAL FINANCEIRA L.da Rua do Alecrim 65-1º LISBOA

Sal de mesa Vatel
O mais fino, o mais branco e o mais barato
Em pacotes, frascos, latas e saleiros
Companhia dos Productos Vatel
Fabricas em Alhandra --- Escritorio: Rua de Garrett, 36 --- Telef. C. 2580

Toda a correspondencia relativa a anuncios, assinantes e agentes deve ser dirigida á rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria deste jornal, onde se encontram já instalados todos os serviços de administração.

TRATAMENTO DA TUBERCULOSE
Do Prof. WILSENGOLD
BRUXELLAS
LITHANE
DEPOSITARIOS
ALVARO CAMPOS, LIMITADA
103 Rua Garrett

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

NO ESTRANGEIRO

DE NEW-YORK

O professor Pickering e a vida na lua

O resultado de observações desde Agosto de 1920 a Fevereiro de 1921

Campos de vegetação que florescem e desaparecem em 11 dias

NEW YORK, 10

O sr. William Pickering, celebre astronomo de Harward, disse que os resultados das suas observações feitas desde agosto de 1920 até fevereiro de 1921, mostram que existe vida na lua. A sua afirmação é baseada numa serie de fotografias telescopicas em que segundo o professor Pickering se veem vastos campos de vegetação, que florescem rapidamente e desaparecem num praso maximo de 11 dias.—(R.)

Um hidro-avião percorre 188 milhas em 80 minutos

NEW YORK, 10.

Uh hidro avião, tripulado por três pessoas, voou de Aberdeen para Port Washington, percorrendo uma distancia de 188 milhas em 80 minutos, mantendo entre Filadelfia e New York a velocidade de 165 milhas por hora. — (R.).

4.000 ingleses podem emigrar mensalmente para a America

NEW YORK, 10.

A repartição do trabalho diz que, ao abrigo das novas leis de emigração, podem emigrar mensalmente para os Estados Unidos 4.000 pessoas de nacionalidade britanica. — (R.).

DE MELILLA

Os espanhois fazem 300 prisioneiros

O ataque ao comboio que seguia para Segangan—A acção eficaz de um avião

MELILLA, 10

O ataque ao comboio que ia para Segangan foi feito com a ajuda da Kabila de Beni-Said. Apesar dos esforços empregados pelo inimigo o comboio conseguiu chegar ao seu destino, tendo feito 300 prisioneiros e tendo tido muito poucas baixas. Um avião contribuiu eficazmente para o bom exito do combate lançando bombas sobre as concentrações dos kabilenos.—(U. P.)

Vai ser ordenada uma grande concentração das Kabilas?

MELILLA, 10

Abd-El-Krin reside actualmente em Anual, tendo vindo de automovel até ás cercanias de Mont Arruit, onde teve conhecimento da derrota dos seus partidarios. Abd-El-Krin, que se faz acompanhar por uma escolta de Beni-Uriaguelles, criados, cozinheiros e tendas de campanha, voltou para Anual, disposto a ordenar uma grande concentração das Kabilas.—(U. P.)

Morte do tenente da Legião Estrangeira Eduardo Agulla

MELILLA, 10

Faleceu o tenente da Legião Estrangeira D. Eduardo Agulla que no combate de Tizza, em que os mouros sofreram 1.500 baixas, se tinha portado heroicamente á frente do seu pelotão.—(U. P.)

Os rifenhos não querem combater os espanhois

MELILLA, 10

Algumas povoações de Guelaya foram atacadas por grupos rifenhos como castigo de se recusarem a combater contra os espanhois.—(U. P.)

A QUESTÃO DOS DESEMPREGADOS

A PARALIZAÇÃO DO TRABALHO EM INGLATERRA

Grandes grupos de operarios sem trabalho percorrem as ruas de Londres — O assunto vai ser entregue ao Parlamento

O problema dos desempregados em Inglaterra continua sem solução; nem mesmo se espera encontrar-lhe uma solução proxima. Socialistas e conservadores estão de acordo em considerar mais perigosa para a saude moral e fisica do operario, o facto de este se conservar meses inteiros inactivo, do que os trabalhos forçados: mas apesar dos esforços realisados no sentido de se procurar empregar aquela multidão de homens, o resultado obtido tem sido completamente nulo.

Varios projectos se alvitram a fim de melhorar a situação, como a de fomentar a produção nacional e o comercio externo, o empreendimento de obras nacionais. Este ultimo é o que mais considerações merece: mas as finanças inglesas não se encontram na situação de darem trabalho a tão grande numero de homens.

Quanto ao fomento da produção interna e do comercio externo, é manifestamente claro que só um plano de longa execução poderia dar resultado; além de que, sendo a crise actual derivada da decadencia do comercio externo que origina a paralisação da industria, seria necessario aniquilar as causas que originaram essa decadencia, coisa dificil senão impossivel, e pelo menos de longo tempo para realisar. A decadencia do comercio externo deriva principalmente da concorrencia das outras nações; só uma grande baixa nos preços de producão permitiria realisar um esforço proficuo na reconquista dos mercados. Os operarios de algumas regiões acabam de oferecer uma redução sensivel nos salarios, a fim de que o pessoal das minas não fosse diminuido; no emtanto, uma medida destas tomada duma fórma geral, provocaria uma nova greve como a grevo negra; por outro lado os capitalistas não parecem estar muito dispostos a verem diminuir os seus interesses.

A crise que atravessa a Inglaterra provem duma luta teimosa, persistente e calada, entre os ricos que passivamente defendem o capital, e o operariado que luta cegamente por adquirir mais proveitos.

Nem uns nem outros estão resolvidos a ceder um ápice das respectivas posições.

A angustiosa situação dos que trabalham é impressionante; em Londres passam diariamente longas filas de operarios desempregados, guardados pela força armada a pé e a cavalo, em numero quasi igual, que vão reclamar pão, junto dos poderes; por vezes colocam-se contra a parede e estendem o chapeu aos transeuntes, pedindo esmola!

Algumas das providencias tomadas ou significam falta de senso, ou um sarcasmo imperdoavel. Para acudir aos sem trabalho, foi lançado um imposto sobre as regiões onde eles vivem. E assim acontece que nos centros operarios e mineiros, são os proprios desempregados quem deve pagar o imposto que os ha-de ajudar a ir vivendo, emquanto os que vivem nos bairros ricos, como no Mayfin, onde só podem viver milionarios, não pagam um *penny* de contribuição.

Diante da condição que lhes era imposta, os administradores dos bairros pobres, distribuiram os haveres em caixa pelos desempregados e recusaram-se depois a cobrar o imposto dos que nem tinham para comer. Em virtude da desobediencia á lei foram presos e submetidos ao regime de presos comuns. Encontram-se nestas circunstancias 30 administradores da região do Poplar: dizem que antes querem estar presos do que meter os desempregados na prisão, que não pudessem pagar o imposto com que os haviam de socorrer.

O exemplo vai-se propagando a outros distritos; no municipio de Bethnal Green já sucedeu o mesmo.

Os administradores que foram falar a Lloyd George disseram-lhe que era uma questão nacional e não local a dos desempregados; que era por isso justo e necessario que o governo tomasse á sua conta resolve-lo. Lloyd George porém respondeu-lhes que o tesouro não podia tomar sosinho um tal encargo e que apresentaria a questão ao parlamento. No emtanto, iriam sendo cedidos emprestimos aos municipios que deles necessitassem. Compreende-se bem que a resposta não satisfez os administradores.

Tal é a situação. Como resolverá a questão o Parlamento?

UMA ESTATISTICA

As reservas mundiais de hulha branca

A America do Sul é a parte do mundo mais dotada por quedas de agua

O que diz uma estatistica da casa alemã Siemens-Schuckerts

PARIS, 10.

As calculadas reservas mundiais de hulha branca são enormes. Uma estatistica procedente da firma alemã Siemens-Schuckaerts, avalia-se em 744 milhões de cavalos, divididos da seguinte forma: 65 milhões na Europa; 160 na America do Norte; 94 na America do Sul; 236 na Asia; 160 em Africa e 30 na Australia.

Proporcionalmente á população actual, a America do Sul é a que está mais ricamente dotada de quedas de agua, visto que dispõe de 5,25 H. P. por habitante. A Australia segue com 3,75 H. P, por cabeça; depois a America do Norte com 1,87; Africa com 1,14; Asia com 0,27 e finalmente a Europa com 0,13. Naturalmente será impossivel aproveitar todas estas disponibilidades de hulha branca porque as condições geograficas e climatologicas se não prestam em todas as partes ao desenvolvimento destas forças naturais. Na actualidade a Alemanha poderá utilizar 620:000 H. P. de 1.500:000 que possue. Em França uma avaliação do conjunto realizada pelo ministerio das obras publicas fixa em 2.460:000 cavalos a potencia disponivel nas seguintes quedas de agua que são pertença publica, das quais 1:710 cavalos para a Bacia do Rhodano, 375:000 para a do Garonne e 325:000 para a do Loire. Além disto, poder-se-hão utilizar 770:000 cavalos ou seja um total de 3.230:000 cavalos de potencia media.

DE LONDRES

Jorge V e a questão dos desempregados

A inauguração do "Manchester Royal Exchange" e um discurso significativo

LONDRES, 10

O rei, a rainha e a princesa Maria voltaram para Buckingham, vindos de Manchester, onde foram assistir á inauguração do Manchester Royal Exchange. O rei discursou dizendo que se sentia muito penalizado com o grande numero de desempregados que existia na Inglaterra e que tinha sinceras esperanças de que os esforços do ministerio aliviariam esta dolorosa situação no presente e se esforçariam por resolve-la de futuro.—(R.)

Chegam a Londres os delegados dos "sinn-feinners"

LONDRES, 10

Chegaram já os delegados «sinn-feinners» que eram esperados por uma enorme multidão. Os delegados são os srs. Artur Griffiths, Bartin, Gavan Duffy e espera-se que chegue hoje o sr. Evuggan ef Collins.—(R.)

As importações e as exportações no mês de setembro

LONDRES, 10

A Camara do Comercio comunicou que as importações em setembro foram 87 milhões de libras esterlinas e as exportações de 55 milhões, o que mostra uma melhoria de 4 milhões sobre o mês de agosto.—(R.)

Grande Café de Italia
DÉJEUNERS
A PRIX FIXE ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá, :-: chocolate e torradas :-:
Rua 1.º de Dezembro

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

ELECTRICIDADE-MAQUINAS
Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis A Electro-Quimica Lt.ª R. Donaderes, 29, 3.º Lisboa.

JOALHARIA, RELOJOARIA E OURIVESARIA
— DE —
JULIO REI, L.DA
ex-empregado da JOALHARIA ABREU
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)
Antiga Relojoaria Oliveira

A BORDO DO "LUTETIA"

Judeus ukranianos, em numero de 180, fugidos ás perseguições de Petliura, vão a caminho da Argentina em procura de vida nova

A bordo do vapor «Lutetia» viajam com destino á Argentina cêrca de 180 judeus ukranianos, de todos os sexos e idades não se tratando, pois, de crianças apenas, como primeiramente haviamos noticiado. A colonia israelita de Lisboa, cujas informações a levaram áquela persuação, tencionava realizar um passeio pela cidade e uma pequena festa na sinagoga da rua Alexandre Herculano, seguida de uma refeição ligeira. Mas como o «Lutetia» se demora poucas horas no nosso porto, resolveu enviar uma série de *souvenirs* para bordo, constituida por pequenos cestos com frutas verdes e sêcas e colecções de bilhetes postais com os aspectos mais interessantes da cidade. Além disso, numerosos membros da colonia foram ao «Lutetia» visitar os judeus emigrados, tendo nós tomado nota dos srs.: Isaac Levy, presidente do «comité» israelita de Lisboa; D. Hannah Levy Sequerra, da direcção da cozinha economica israelita; Jesuah Benoliel, do Fundo da Reconstrução da Palestina, etc. O «Lutetia», que vem de Bordeus, hoje mesmo deve abandonar o Tejo, entre as 20 e as 22 horas.

Durante a permanencia que fizemos a bordo do paquete francês, conseguimos, auxiliados por interpretes, reconstituir a odisseia dos emigrados e obter notas interessantes ácerca da actual situação na Russia.

Assim, êsses 180 ukranianos, e entre êles há familias completas, viram-se obrigados a abandonar os seus lares e os seus bens, devido ás barbaras perseguições movidas aos judeus pelo general Petliura, o comandante do chamado «exercito verde», que pretende realizar a independencia da Ukrania. Pouco antes de tomarem o caminho de Varsovia, souberam que na cidade de Prensow, no curto espaço de três horas, haviam sido chacinados 6.000 judeus e que em Staviehte os soldados de Petliura encerraram 200 mancebos israelitas numa sinagoga, a que depois largaram fogo. Na Ukrania a anarquia é completa e as autoridades bolchevistas, a despeito das suas inumeras violencias, têm poupado os judeus. As cidades estão arruinadas, a vida quasi desapareceu, obrigando a fome os russos a emigrarem aos milhares.

As dificuldades de vida na Russia são tremendas. As autoridades bolchevistas não garantem coisa alguma e, quem tenha uma espingarda, facilmente colocará a fôrça e a riqueza nas suas mãos. Preguntámos a alguns dos foragidos como acolheria o povo russo uma intervenção estrangeira que terminasse com tal situação, e êles unanimemente responderam que isso constitue actualmente a grande ambição de quantas pessoas se encontram submetidas ao poder bolchevista. Na Russia não existem liberdades publicas nem garantias individuais e, quanto a crueldade, as autoridades de hoje deixam na sombra as do czarismo.

Em Bordeus ficaram ainda algumas centenas de judeus ukranianos. Uns, não embarcaram no *Lutetia* por falta de documentos; outros, por estarem correndo os dias santos do povo judeu, que hoje se encontra no dia 8 do mez de Tishri, o primeiro do ano israelita, de 5682 da era da fundação do mundo.

Os 180 ukranianos agora no Tejo, são operários, comerciantes e industriaes, seguindo tambem uma advogada, a doutora Marc Robinowsky e seu marido, o medico sr. Polikykowisk. Tivemos tambem ocasião de falar com estes dois intelectuaes e eles corroboraram quantas informações os seus companheiros nos haviam fornecido, afirmando ainda que os operários são as maiores vitimas do regime bolchevista e os que contra ele mais se revoltam. Os motins populares não têm tido o minimo exito, porque Trostky e Lenine souberam crear uma robusta organização militar, o *exercito vermelho*, que conta actualmente alguns milhões de soldados. Há uma carencia absoluta de tudo quanto se torna necessário á vida, tendo cessado quási completamente a vida intelectual e a vida de trabalho. A dificuldade em viajar é extraordinária, porque os poucos meios de transporte que ainda existem, são exclusivamente utilizados pelos elementos afectos ao regime. A doutora Marc ainda nos disse que a Russia está entregue a um poder ainda mais absoluto do que o do czar, não esperando que o bolchevismo desapareça tão cedo.

Os emigrados, que se apresentam modestamente vestidos, dirigem-se agora á Argentina, animados pelas melhores esperanças. Esperam, uma vez ali, organisar uma vida nova e encontrar uma tranquilidade e uma tolerancia para com as suas crenças religiosas, que deixaram de existir na sua patria. O porto e a cidade de Lisboa causaram-lhes magnifica impressão, tendo muitos deles desembarcado, a fim de visitar a cidade.

O que disse ao "Diario de Lisboa" o ilustre escritor e diplomata brasileiro sr. Graça Aranha, agora de regresso á sua patria

A bordo do «Lutetia», que hoje, pelas 14 horas, entrou no Tejo, viaja o sr. dr Graça Aranha, antigo diplomata e ministro plenipotenciario do Brasil, que chegou já a ser dado como embaixador do seu país em Portugal e regressa ao Rio de Janeiro depois de seis anos de ausencia. O ilustre escritor consagrado e membro da Academia Brasileira, e que viaja acompanhado de sua esposa, foi cumprimentado a bordo pelos srs. Belfort Ramos e Macedo Soares, em nome do sr. embaixador do Brasil. Antes do sr. dr. Graça Aranha ter desembarcado, o nosso redactor poude apresentar as suas saudações e as pessoais do director do «Diario de Lisboa» ao ilustre viajante.

— Não é por cumprimento de formalidade que lhe afirmo a minha estima e admiração por Portugal. E' por sentimento. Nós somos compatriotas. Passando por Lisboa, é como se tivesse tocado já terra brasileira. E vou sentir satisfação em desembarcar e percorrer umas horas a cidade tão bela que é Lisboa.

E, encarando a cidade, toda envolta de chuva e tristeza:

— Entre nós não deve haver amabilidades que não correspondam a um sentimento.

Mostrámos ao sr. dr. Graça Aranha um jornal que alude ás manifestações oficiais que estavam preparadas para o receber. Tinhamos sido a primeira pessoa a falar com o dr. Graça Aranha e entendemos bem pô-lo ao corrente das atenções dos seus compatriotas.

O dr. Graça Aranha exultou á vista de um jornal. «Oh! Um jornal!»

— Mas o que há da Alta Silesia? Deve ter-se resolvido ontem a grande questão! Não sabem aqui ainda nada?

Dissémos que os jornais portugueses não tinham recebido qualquer nota a tal assunto respeitante.

— Pois é estranho!

— Como parece a V. Ex.ª que será resolvido o conflito?

— E' dificil dizê-lo, aqui, a bordo de um navio, que só escassas noticias recebe pelos radios. Mas não é arrojado acreditar no triunfo da solução, correspondente com insignificantes alterações á linha do conde Sforza.

— Quere dizer: o ponto de vista francês.

— Sim. Franco-polaco.

— Duas palavras sobre a politica luso-brasileira.

— As relações amigaveis entre os dois povos... Mas as minhas informações pessoais dizem que são cada vez mais intensas, tendo-se desfeito a corrente anti-portuguesa, que tão exagerada foi e que há tanto tempo agitou a opinião do Brasil. Foi uma grande tolice!...

No Tejo, onde muitas embarcações tomavam o rumo do «Lutetia», não aparecia ainda barco algum com a indicação de vir a bordo o sr. embaixador do Brasil. O dr. Graça Aranha, que se preocupa com o facto de não estar em «toilette» para ir cumprimentar o sr. dr. Antonio José de Almeida, como marca o programa oficial, não deixa tambem de se interessar pela marcha do cambio. Alguns seus amigos estão comentando o valor do escudo brasileiro contra o português.

— Veja, doutor, — dizem ao lado de nós — veja: Rio sobre Londres, 9 e meio...

— E como vai Portugal agora, preguntа-nos numa certa indiferença, talvez natural pela informação, o ilustre escritor?

— Mas bem. Agitações superficiais há em toda a parte...

— E' pena o dia de hoje estar triste. Gosto imenso de Lisboa.

Chegavam agora os diplomatas. O dr. Graça Aranha fala-nos ainda do seu ultimo livro, que não apareceu ainda em Lisboa, e desce ao encontro do sr. dr. Belfort Ramos, que representa o sr. embaixador, Fontoura Xavier, impossibilitado de vir a bordo. O ilustre escritor perdeu-se então na babilonia do «Lutetia», deixando-nos a impressão da sua grande ansiedade de saber noticias oficiais, politicas e diplomaticas, do que vai por êsse mundo.

"FOOT-BALL" EM BILBAU

O "team" espanhol vence o "team" belga por 2 "goals" a 0

BILBAU, 10

O «team» representante de Espanha ganhou o seu desafio com o «team» belga, por dois «goals» a zero. Convem frizar que o arbitro portuguez Jorge Vieira foi levado em triunfo por uma multidão enorme, que assistia aos desafios, e os proprios adversarios enalteceram a forma habil e imparcial como foi arbitrado o desafio. Nesta cidade ha grande entusiasmo pela vitoria alcançada.

O Estado de Fiume

A eleição do novo presidente

FIUME, 10.

A opinião publica mostra-se satisfeita com a eleição pela assembleia nacional constituinte do sr. Fanela para presidente do Estado de Fiume. — (U. P.).

DE BERLIM

O julgamento de Von Iagow, antigo prefeito da policia

PARIS, 10.

Dizem de Berlim que o sr. Von Iagow, antigo prefeito da policia, acusado de cumplicidade no «complot» de Von Kapp, será julgado no dia 27 do corrente. No seu processo foram citadas mais de 100 testemunhas, entre elas, o general Ludendorff. — (U. P.).

Bolsa de Lisboa

Dia 10

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	43$00	50$
s/Londres cheque	6 3/16	6
» 90 d. v.	6 5/16	—
Rio s/Londres	8 1/4	—
s/ Paris	741	760
s/ Italia	405	422
s/ Belgica	726	749
s/ Suissa	1823	1880
s/ Espanha	1360	1395
s/ Berlim	87	90
s/ Holanda	3326	3430
s/ Nova York	10240	10500
Rio Brasil	77	71
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1/2 0/0	—
» » » Portugal	7 1/2 0/0	—
Agio do ouro	700	800

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s/Paris	54,80
» s/Londres	28,65
» s/New-York	7,56
» s/Berlim	6,25
Paris s/Londres	—
» s/Madrid	—
» s/Genebra	—
» s/Berlim	—
Londres s/Paris	52,325
» s/Roma	94,50
» s/New-York	3,79
» s/Berlim	466,50
» Amsterdam	11,65
» s/Genebra	21,30
» s/Belgica	—
» s/Suecia	—
» s/Austria	—

Manifestação funebre

Uma comissão, composta pelos srs. João Eduardo, Sabino de Almeida, Custodio Nunes e varios admiradores do extinto cultivador da canção nacional Antonio Ginguinha, realiza no domingo, 16, uma manifestação funebre, no cemiterio de Vila Franca de Xira, pelas 15 horas, colocando sobre o seu mausoleu uma corôa em bronze e uma placa em metal.

Inauguração de uma exposição escolar

Inaugurou-se hoje, com a visita do chefe do governo e do ministro do Comercio, a exposição dos Trabalhos dos alunos do Instituto Superior Tecnico.

Laboratorios de Famarcia
Instituto Pasteur de Lisboa

Staphylina

Comprimidos de estanho chimicamente puro

Tratamento de todas as doenças devidas ao staphylococco:

Furunculose — Anthraz — Supurações antigas, etc.

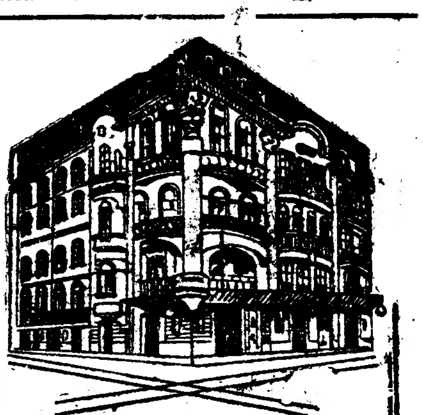
FARMACIAS
LISBOA — Rua Nova do Almada, 88
PORTO — Rua dos Clerigos, 36

O SR. TEM PILHAS?

Deite-as fora!

Prefira o ***Transformador C. S. V.*** que dá consumo quasi nulo de corrente, garantindo o perfeito funcionamento de campainhas, trincos, etc.

CASA PALISSY GALVANI
89, Rua Serpa Pinto, 91



LISBOA

Hotel Internacional

O melhor tratamento
O menor preço
BANHOS
Almoços e Jantares

O Hotel Internacional tem automovel á chegada dos comboios e vapores.

TELEGRAMAS HONAL

Sociedade Luzitana dos Hoteis, L.da
Gerente: LINO MARTINS COELHO
ROCIO — ESQUINA DA RUA AUGUSTA